**Passos para um desporto pós-moderno**

Pe. José Miguel Fraga Cardoso

Dicastério para a Cultura e Educação

*20 de outubro de 2023*

4.º Congresso de Pastoral do Desporto (19-21 de outubro de 2023) – Clermont-Ferrand

**1. Jesus num estádio de futebol**

Nas ruas de Glasgow (Escócia) circula a seguinte fábula entre os adeptos rivais dos dois maiores clubes da cidade. Conta-se que a determinada altura o próprio Jesus, observando o crescimento do fenómeno desportivo (nomeadamente o futebol), decidiu vir de novo ao mundo para verificar de perto esta nova realidade. Disfarçado, entrou no estádio de Glasgow para ver o dérbi mais antigo e intenso do mundo (chamado “Old Firm”) entre o Celtic (clube dos cristãos católicos) e o Rangers (clube dos cristãos protestantes). Os católicos foram os primeiros a marcar golo, ao qual Jesus aplaudiu efusivamente. Depois, marcaram os protestantes, e Jesus voltou a aplaudir efusivamente. As pessoas que estavam ao lado ficaram perplexas e uma delas vira-se para o colega do lado e diz: “Enfim, de certeza que este é mais um ateu disfarçado!”.

Partindo desta fábula, uma primeira pergunta que devemos colocar é: por que é que a Santa Sé se interessa pelo desporto?

**2. Entre a coroa de flores e a coroa de espinhos**

*2.1 Razões de uma relação*

A Santa Sé interessa-se pelo desporto por duas razões fundamentais.

Primeiro, porque se o Evangelho requer uma relação com a cultura (Jo 1,9; GS 1; EG 115), e se o desporto é um dos maiores eventos culturais da atualidade, logo a Evangelho/Teologia/Igreja não pode ignorar este fenómeno. Como nos recorda o Papa Francisco: «A Igreja, precisamente porque o desporto testemunha qualidades importantes da pessoa, não pode ignorar os dados humanos estritamente ligados à atividade desportiva».

Segundo, porque se o desporto tem a capacidade de transformar o humano, logo mudando o desporto, muda-se o humano e, mudando o humano, muda-se a sociedade à qual pertence o humano.

Daqui surge uma pergunta: mas qual o princípio teológico-pastoral que deve coordenar esta relação a Santa Sé com o desporto?

*2.2 Um princípio teológico-pastoral*

Respondemos a partir da metáfora da coroa. Ora, nas competições desportivas que se faziam nos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga, é curioso notar que, inicialmente, os prémios dados aos vencedores não eram medalhas de ouro, prata ou bronze, mas, propositadamente, uma coroa de flores para se colocar na cabeça. A razão deste fato tinha um motivo profundo: os vencedores deveriam receber flores para que, tal como uma flor acaba por murchar e apodrecer, os vencedores deveriam ter a consciência que aquela vitória não era eterna, mas algo temporário, pelo que ele deveria manter-se humilde perante aquela conquista, evitando cair na soberba de desprezar os outros (vencidos) ou deixar de continuar a empenhar-se para as competições desportivas posteriores.

Com base nesta imagem típica dos jogos helénicos que se observa na cidade de Corinto, São Paulo aponta para uma outra coroa: a coroa incorruptível (1Cor 9,25) que, ao contrário desta coroa corruptível, é a coroa da vida eterna (Tg 1,12; Ap 2,10). Mas esta coroa incorruptível que o humano deve aspirar tornou-se possível graças a uma outra coroa: a coroa de espinhos que Cristo usou (Mc 15,17; Mt 27,29; Jo 19,2-5).

*2.3 Uma nova relação da Igreja com o desporto*

E daqui a pergunta: mas em que medida o Evangelho pode iluminar desporto? Na medida em que deve ajudar a que a coroa de flores do âmbito desportivo não se torna numa coroa de espinhos, num areópago de humilhação e desvalorização do humano, mas numa coroa incorruptível, num areópago que promove e exalta a vida humana. Todavia, isso só é possível se a “coroa de flores” desportiva manter viva diante de si a memória desta “coroa de espinhos” de Cristo, a qual se torna num horizonte e num permanente aviso sobre os riscos do desporto.

Com base nisto, o objetivo central da Igreja na sua pastoral do desporto é iniciar uma nova etapa na história do desporto, tendo em vista uma humanização do desporto. Infelizmente, a relação da Igreja com o desporto nem sempre foi benéfica. Aliás, é curioso notar que nesta mesma terra, no Concílio de Clermont em 1130, se condenava a participação nos torneios cavaleirescos, o grande desporto da Idade Média, sob pena de excomunhão. Mas se ao longo de 2000 anos a Igreja colocou o desporto ao serviço da fé, hoje talvez seja necessário fazer o inverso: colocar a fé ao serviço do desporto.

**3. Breve história do desporto**

A fim de demonstrarmos em que medida a Igreja pode empurrar o desporto para uma nova etapa da sua história, precisamos de fazer dois passos intermédios: primeiro, compreender o que significa o desporto; e segundo, compreender o que é o desporto hoje, para assim apontarmos aquilo que o desporto deve ser. Passemos à análise destes dois pontos intermédios.

*3.1 Compreender a etimologia do desporto*

Na sua raiz latina, *desporto* advém da junção do prefixo *de* (que expressa o sentido de uma separação, um afastamento) mais o verbo de movimento *portare* (transportar, levar), exprimindo assim a ideia de “deixar um local e ir para outro” (sair para longe), como exprime, por exemplo, a palavra “deportação” (transportar de um ponto para um outro que, por sua vez, não é perto mas distante). Mas por que razão se usa esta palavra para descrever o desporto enquanto tal? O termo populariza-se sobretudo na Idade Média, mais propriamente no séc. XIV em Inglaterra, em que se usa o termo *disport* (depois abreviado em *sport*) para expressar o costume que as pessoas tinham de “sair para fora da muralha da cidade”, onde havia mais espaços livres, com o intuito de se divertirem e distraírem, um “sair da rotina da cidade” para um tempo lúdico (sem a azáfama das tarefas quotidianas obrigatórias). Como tal, o termo começa assim a entrar lentamente no vocabulário quotidiano até aos nossos dias.

Neste sentido, podemos identificar quatro caraterísticas do significado do desporto. Primeiro, a sua origem etimológica deixa desde já antever um primeiro elemento do conceito de desporto: um *evento extraordinário*. Ou seja, algo que não faz parte das ações e tarefas comuns ou obrigatórias da existência humana: atos básicos de sobrevivência (alimentar-se, repousar-se, higiene pessoal…), o trabalho, tarefas domésticas, entre outros. Daqui partimos para um segundo elemento interligado: se estes atos tem uma finalidade obrigatória pois visam garantir a sobrevivência, o desporto tem um *sentido livre*: é algo que a pessoa faz livremente, não sendo uma necessidade básica da sua existência nem uma obrigação. Por conseguinte, partimos para um terceiro elemento interligado: o *movimento corpóreo*, o desporto implica uma ação corpórea, um movimento físico, um deslocar-se de um ponto para o outro (não ficar parado estaticamente no mesmo sítio). E por último, um quarto elemento interligado: a *consciência e intenção deste movimento*, isto é, não é uma ação esporádica quanto à sua intenção (pois há uma intenção propositada de o fazer), nem uma ação momentânea (pois há um propósito de dedicar um determinado período de tempo para esta ação específica).

*3.2 As oito etapas do desporto*

Todavia, ao longo da história, devemos ter consciência que o desporto foi concebido em diversos modos, os quais podemos resumir em oito etapas.

Primeiro, o *desporto religioso*, que corresponde às primeiras manifestações desportivas ocorridas nas primeiras civilizações humanas, sobretudo os sumérios, que habitam a zona da Mesopotâmia, cujo desporto era um evento associado a rituais fúnebres e a celebrações religiosas.

Segundo, com a civilização helénica, não obstante outras culturas precedentes (ex.: egípcios), temos o *desporto pedagógico e competitivo*, cujo desporto, sobretudo a partir do séc. IV a.C., era obrigatório para todos enquanto elemento necessário para a formação humana com um intuito político (ou seja, formar devidamente os futuros cidadãos que governarão as cidades), dado que se partia do pressuposto que um corpo elegante e bem formado na sua constituição física era expressão de uma inteligência que dominava os instintos maus e testemunha de um equilíbrio existencial. Além disso, o desporto assume também um carácter competitivo pois será aqui que, pela primeira vez em 776 a.C. em Olimpia, ocorrem os Jogos Olímpicos, os quais visavam celebrar o deus Zeus e Pélope (um herói local), assumindo progressivamente um valor cultural, religioso e político. Estes mesmos jogos foram variando quanto à sua duração, tipologia de competições e prémios desportivos ao longo dos séculos, em que se foi desenvolvendo a própria técnica e a medicina desportivo. Tudo termina em 393 d.C, por ordem do Imperador Romano Teodósio.

Em terceiro, a cultura romana encara o desporto numa linha de correção do desporto grego segundo os princípios romanos, em que, além das vertentes pedagógicas e competitivas, incute um novo elemento: a dimensão lúdica. O desporto torna-se um *desporto lúdico* com o emergir de um novo elemento no mundo do desporto: o público. O que isto significa? Que o objetivo do desporto é gerar o interesse, o entretenimento e a diversão do público. E nisto, vemos uma inerente inversão política: o desporto já não serve apenas para preparar os futuros dirigentes (políticos), mas é um meio usado pelos políticos para distrair e agradar à população, como descreve o célebre adágio romano *panem et circenses* (pão e circo).

Em quarto, a época medieval (que aqui a concebemos no arco temporal entre o fim do Império Romano do Ocidente em 476 e as descobertas marítimas da América em 1492) pauta-se por um período de uma certa *desvalorização do desporto*. A razão é simples: uma supervalorização da cultura metafísica levou a uma desvalorização da cultura física (típica dos gregos e romanos). Mais concretamente, numa sociedade cristianizada, o cidadão medieval orienta agora a sua vida mais em função da salvação da alma, cujo corpo era um obstáculo a uma plenitude espiritual, muitas vezes associado ao maligno.

Em quinto, o Renascimento (que aqui concebemos entre o séc. XVI até aos inícios do séc. XVII), ao recuperar os ideais clássicos, não tanto na sua parte mitológica, mas mais numa certa afirmação antropológica da capacidade humana, em detrimento de uma época precedente centrada num teocentrismo (época medieval), acaba por gerar um *desporto antropocêntrico*. Por isso, não é de estranhar que o desporto volta assim a ter um papel preponderante no sistema pedagógico, sendo integrado como disciplina nas escolas que agora começam a surgir. Um dado histórico interessante é que o desporto não se reduz à dimensão prática mas alarga-se agora também à dimensão teórica, em que surge aquele que é considerado o primeiro tratado sobre o desporto: *De arte gymnastica* (1569), escrito pelo médico e filósofo Girolamo Mercuriale (1530-1606).

Em sexto, os eventos do Iluminismo, da Revolução Industrial e das mudanças políticas (Revolução Francesa) do séc. XVIII, acabaram por transformar a posterior vida social e, por consequência, uma nova compreensão do desporto no séc. XIX: porque agora há mais tempo livre (com a fixação dos horários laborais) e há uma proliferação das escolas primárias (gratuitas e obrigatórias) para toda a população (para combater o analfabetismo), o desporto deixa de ser um privilégio da aristocracia e passa a ser um evento praticado por toda a população (das várias faixas etárias e classes sociais), enquanto valorização da pessoa. É o *desporto popularizado*.

Sétimo, um evento decisivo na história do desporto ocorre no final do séc. XIX, com a realização dos Jogos Olímpicos Modernos, idealizado por Pierre De Coubertin (1863-1937) em Atenas (1896), numa tentativa de recuperar os ideias desportivos dos Jogos Olímpicos da antiguidade. Mais do que a *competição* entre as nações, era o *encontro* entre as nações, sob o mote olímpico: *citius, altius, fortius* (mais veloz, mais alto, mais forte). A par disto, convém registar o surgir do desporto paralímpico, como registado nas provas desportivas ocorridas no Vaticano entre 24 a 29 de setembro de 1908. Não obstante a contínua popularização do desporto, que aumenta com a explosão demográfica na primeira metade do séc. XIX nas sociedades ocidentais (com a industrialização e urbanização da sociedade), esta mesma época fica marcada por uma certa *instrumentalização política do desporto*, nomeadamente entre as duas grandes guerras mundiais (1918-1939), por parte de partidos nacionalistas que viam no espetáculo desportivo um meio de divulgação da mensagem política.

Em oitavo, o clima de paz no fim da II Guerra Mundial, a democratização das sociedades ocidentais, a proliferação da televisão, o capitalismo comercial e o fenómeno da globalização, portarão o desporto a uma nova categorização para a nossa época contemporânea, que podemos definir como *desporto profissional, comercial e digital*. Afirmar o *desporto profissional* significa que passamos do desporto como um momento lúdico para o desporto como uma profissão. Inserido no mecanismo capitalista, se antes o desportista se pautava por demonstrar as virtudes do heroísmo, da coragem, da superação e da moralidade, hoje o desportista tende a pautar-se apenas pela arrecadação de dinheiro, nem que seja a todo o custo. E daqui novos desafios éticos perante a corrupção, o doping e a violência no desporto. Afirmar o *desporto comercial*, significa que, numa sociedade industrializada, o fato de hoje haver menos empregos que requerem força manual (pois a tecnologia tende a substituir o trabalho manual) e a tendência a uma sociedade sedentária, leva a uma maior prática desportiva por parte dos cidadãos por razões médicas, lúdicas e estéticas. E daqui emerge uma proliferação de novas modalidades desportivas, bem como todo o negócio comercial que se gera em função disto (ex.: academias, equipamentos desportivos, medicação complementar, turismo desportivo…). Afirmar o *desporto digital* significa que, com o recente processo de digitalização da sociedade, emergiu um novo tipo de desporto (vídeo jogos), bem como um novo desafio ético (as apostas on-line).

Desta abordagem podemos observar como o desporto não foi sempre praticado e entendido da mesma forma, sendo condicionado pelo seu contexto histórico, apresentando uma mutabilidade ao longo dos tempos. E, neste arco de tempo, podemos sintetizar a evolução do desporto na bela expressão da obra de Allen Guttmann: o desporto passou “do ritual ao record”.

**4. Uma nova etapa do desporto**

Feito este percurso, recuperamos a pergunta anterior: mas em que modo é que a Igreja pode ajudar a uma humanização do desporto?

O princípio lógico é fácil. Se pretendemos mudar a sociedade tornando-a mais humana, e se o desporto tem a força de mudar o humano, eis a razão pela qual a Igreja deve ter uma atenção particular para com o desporto: mudando-se o desporto, muda-se o humano e, por inerência, muda-se a sociedade.

Nesta linha, a Igreja pretende acrescentar uma nova etapa à história do desporto, ou seja, a nona etapa: *a etapa pós-moderna*. O que isso significa? Um desporto que visa ser a profecia de uma sociedade integral e não elitista, que não se reduz ao mundo digital mas também se responsabiliza pelo mundo real (ecológico), que tenha como centro a valorização ética da pessoa e não a comercialização das pessoas (jogadores), e que aponte para um sentido além-desportivo que é o sentido transcendental do desporto.

Como tal, a fim de explicitarmos melhor esta nova etapa do desporto, apresentamos quatro caminhos, tendo por base a figura de Jesus, em que queremos deixar quatro princípios para um desporto pós-moderno: político, ético, ecológico e espiritual.

**4.1 Sentido político:** “os últimos serão os primeiros”

Na parábola dos trabalhadores da vinha, Jesus termina com esta frase: *“os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos”* (Mt 20,16). Obviamente que no desporto competitivo, o objetivo é ficar em primeiro e não em último. Sendo um jogo, o desporto visa a vitória, não a derrota. A convocatória para a vinha revela como todos têm lugar neste espaço, porque todos são úteis. E como referiu o Papa Francisco, na JMJ em Lisboa, a Igreja é um espaço onde «todos, todos, todos» têm lugar, ao mesmo passo que a sociedade deve ter espaço para todos e não somente para uma elite.

Chamar a atenção para os últimos é decretar um primeiro princípio para um desporto pós-moderno: *o desporto é para todos*. Ou seja, o desporto é para os jovens e os idosos, para os da cidade e os das aldeias, para os ricos e os pobres, para homens e mulheres, para os de saúde e os portadores de deficiência física ou mental, para os refugiados e os presos. É um desporto inclusivo e acessível. E daqui recordamos a declaração que emergiu do *Summit Sport for All* organizado em setembro de 2022, no qual se assinou uma Declaração entre diferentes organizações desportivas, enquanto compromisso de se promover um desporto mais coesivo, acessível e tolerante para todos.

4.2 **Sentido ecológico:** “dá-me de beber”

No percurso pela Samaria, Jesus experimenta as dificuldades humanas e, cansado da caminhada, senta-se na borda do poço, até que, chegando uma mulher samaritana, diz-lhe: *«Dá-me de beber!»* (Jo 4,7).

Partindo daqui, imaginemos o que seria de uma prova de ciclismo ou de uma maratona se a meio faltasse a água? Sem água, o nosso corpo retrai-se, enfraquece, esgota-se e perde as forças. Este simples aspeto revela como o desporto está entrelaçado com dois elementos: a corporeidade e o meio-ambiente. E daqui um segundo princípio para um desporto pós-moderno: *o desporto implica uma sensibilidade ecológica*.

Se a sede é um modo de questionar a própria humanidade, então também o é para questionar o próprio desporto. Por outras palavras, diante dos desafios ecológicos que ameaçam a sobrevivência da humanidade, o desporto também é chamado a possuir uma cultura ecológica, isto é: «um olhar diferen­te, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradig­ma tecnocrático». Com a urbanização da sociedade disposta apenas a consumir e não a produzir alimentos (produzidos no âmbito rural), o desporto assume-se como uma advertência ecológica pelo contato que ele proporciona, de um modo direto ou indireto, com a natureza (ex.: ciclismo, alpinismo, maratona, esqui). Que o desporto, enquanto estilo de vida ecológico, possa ser uma forma de «educação para o respeito pelo meio ambiente» e uma profecia para a preservação da natureza, de modo a que a água, que é um dom de Deus (Is 44,3), nunca falte aos desportistas e aos humanos de amanhã.

4.3 **Sentido ético:** “dar a outra face”

Percorrendo a sua travessia pelas localidades da Galileia, Jesus a determinada altura apresenta a sua “regra de ouro”: «A quem te bater numa das faces, oferece-lhe também a outra» (Lc 6,29). À primeira vista, esta frase parece o contrário do objetivo do desporto: superar o adversário, derrotá-lo ou, mais especificamente num desporto de luta, impedir que ele “bata na nossa face”. Porém, esta frase de Jesus introduz uma outra perspetiva: no desporto. mais do que participar e vencer, o importante é conviver. E daqui um terceiro princípio para um desporto pós-moderno: *o desporto implica uma responsabilidade ética pelo outro*. Um desporto sem uma ética válida que o orienta, rapidamente se transforma numa indústria que instrumentaliza o desporto, onde tudo é permitido e justificável.

Diante de uma sociedade digital que produz cidadãos egoístas e anónimos entre si, o desporto prima por gerar a oportunidade do encontro real (físico) entre as pessoas. Não sendo um evento obrigatório, mas livre, este encontro distingue-se ainda de outros “espaços de encontro” pois reveste-se de uma maior disponibilidade interior para criar empatia com o outro: é um hino à alteridade. Porque o rosto do outro impõe-se como uma responsabilidade minha.

Acresce ainda que o desporto torna-se também um espaço único na medida em que permite uma aprendizagem mais evidente de outros dois elementos além da alteridade: o fair-play e a derrota.

Por um lado, o fair-play é a expressão de que o humanismo está acima da lei desportiva. O exercício do fair-play, no fundo, é um exercício de misericórdia: é fazer ver que o mais importante não é a lei (embora necessária) mas a pessoa, que não é vencer a todo o custo, mas o conviver: partilhar um determinado tempo da nossa vida com aquele que está ao nosso lado.

Por outro lado, numa sociedade que vive segundo o dogma da competição e da vitória, o desporto (enquanto jogo) torna-se num espaço privilegiado para a aprendizagem da arte da derrota. Trata-se de assumir a fragilidade desportiva e a condição de “não se ser omnipotente”: porque um desportista não pode fazer tudo, saber tudo, nem vencer tudo permanentemente. O respeito pela derrota e, por inerência, pelo vencedor é, no fundo, cumprir a máxima ética de todos os tempos, e que Jesus a sintetiza como um “amar os inimigos” (Lc 6,27), isto é, um “amar os adversários”. E o desporto deve ser um primeiro areópago de uma nova cultura mundial, sendo uma arquitetura e um artesanato da paz.

**4.4 Sentido espiritual:** “Nada vos será impossível”

Numa outra passagem da sua vida, Jesus a determinado momento encontra-se com um homem que pede a cura do seu filho epilético, dado que os seus discípulos não foram capazes de o curar. Após a pergunta dos discípulos, Jesus explica-lhes que o seu insucesso se deveu a uma falta de fé, porque «se tiverdes fé como um grão de mostarda (…) nada vos será impossível» (Mt 17,20). Esta expressão (“nada é impossível”) talvez seja a mais proferida em âmbito desportivo nos momentos de maior adversidade, pois nenhuma vitória é previamente garantida, pelo que, para um atleta em menor performance ou uma equipa com resultados menos positivos, o impossível (pouca probabilidade de vencer) se torne possível (vitória). Ou seja, quando os prognósticos da lógica humana são contrariados por um resultado imprevisto.

Nesta mesma linha, esta passagem recorda-nos como a nossa vida não é feita apenas de materialidade, mas também de espiritualidade. E o desporto, enquanto atividade corpórea, não produz apenas efeitos físicos, mas também espirituais, e que podemos descrever em dois níveis.

Por um lado, o desporto pode assumir um sentido espiritual na medida em que é uma experiência que partilha de inúmeros elementos comuns da vida espiritual, sendo por isso um exercício prático que predispõe para uma melhoria do próprio exercício espiritual. E que elementos são esses? As qualidades humanas genéricas que o desporto potencia, como a disciplina, o empenho, o entusiasmo e a perseverança. E as qualidades humanas excecionais que derivam do enfrentar determinados desafios exigentes que geram medo e ansiedade, desenvolvendo para tal as qualidades da concentração, observação, auto-controlo, auto-consciência, resiliência e confiança. Em verdade, nenhum cristão pode viver plenamente a sua fé se não assume para si estas mesmas qualidades. Disso nos fala Paulo, quando compara as restrições que os atletas fazem para uma disciplina corpórea, necessária para o bom resultado desportivo, tal como deve ser a vida cristã (1Cor 9,25a; 27a). Segundo a antropologia paulina, o corpo humano é manifestação do próprio corpo de Cristo (2Cor 4,10; Gl 6,17), bem como todos os corpos estão unidos a este mesmo corpo (1Cor 12,12).

Por outro lado, observamos o caminho inverso: como a espiritualidade pode exercer-se por meio do desporto. Contudo, importa reter aqui que espiritualidade não significa “crença religiosa”: ou seja, o desporto não produz um pensamento doutrinal sobre Deus, porém proporciona «uma consciência da sua presença». Como recorda Paulo, a oração não é um determinado momento da vida, mas a vida inteira deve ser pautada por esta permanente oração declinada em múltiplas formas (1Ts 5,17-19), pelo que também a experiência desportiva pode e deve ser um momento espiritual. Isto para dizer que a experiência desportiva se proporciona a uma experiência espiritual sobretudo quando o desportista se confronta com os seus desafios, os seus limites, as suas derrotas, gerando nele uma abertura para o âmbito transcendental. Um âmbito que, resumidamente, se pode descrever em dois modos, mediante a consciência da existência de um ser absoluto (Deus): a *experiência da confiança*, de um Deus que, além do nosso empenho humano, nos sustenta e reforça com a sua graça para a prova desportiva (como podemos ver nos inúmeros sinais e gestos religiosos que se fazem em diversas provas desportivas profissionais); e a *experiência da consolação*, de um Deus que nos conforta nos momentos de dificuldade desportiva. Ou como dirá Paulo: «De tudo sou capaz naquele que me dá força» (Fl 4,13).

Perante isto, é curioso notar como o Papa Francisco, na exortação apostólica *Gaudete et exsultate* (2018), das cinco caraterísticas da santidade no mudo atual que elenca, três coincidem com as caraterísticas que advém da experiência desportiva: a paciência e mansidão, a ousadia e ardor, e a oração constante.

Falar de um sentido espiritual do desporto não significa um prestar culto aos deuses mediante a prática desportiva (como na cultura helénica), nem procurar um certo favorecimento divino no resultado desportivo (o que levaria a uma posterior competição de orações por parte dos capelães desportivos), mas um intuir e sentir a presença do divino por meio do desporto. Por este motivo, poderíamos acrescentar ao sermão da montanha (Mt 5,3-11): *bem-aventurados os que fazem desporto, porque deles também é o Reino do Céu.* E daqui um quarto princípio para um desporto pós-moderno: *o desporto empurra o humano para o infinito, predispondo-o a um sentido espiritual.*

Em verdade, tal como os santos, ninguém nasce campeão, mas torna-se campeão pelo treino permanente e intensivo. Com base nisto, diz-nos o Papa Francisco: «A cada um Deus deu um campo, um pedaço de terra no qual se joga a nossa vida: porém, sem treino, até o mais talentoso torna-se uma aberração. Treinar (…) é perguntar a Deus todos os dias: que coisa queres que eu faça, que coisa queres da minha vida? (…) (Devemo-nos) confrontar com Ele como se fosse um treinador. (…) Um treinador que está sempre pronto a levantar-nos».

**5. O desporto: de um exercício físico a uma arte**

Para terminar, a 29 de dezembro de 2022, o mundo despedia-se de Edson Arantes do Nascimento (Pelé) aos 82 anos de vida, vítima de um cancro. Das muitas mensagens de condolências, Neymar, então jogador do PSG (França), escreveu nas suas redes sociais a seguinte frase: “Antes de Pelé, o futebol era apenas um desporto. Depois de Pelé, o futebol tornou-se uma arte”.

Talvez seja este o horizonte para todos nós aqui presentes: impulsionar o desporto para um etapa pós-moderna, transformando o desporto numa arte, ou seja, em algo que seja mais que um simples exercício físico, sendo algo que promova a vida humana e que a expanda para o infinito.